

A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa 2

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa 2 [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-493-1 DOI 10.22533/at.ed.931192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este segundo volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o lugar e o papel da linguagem oral nas relações de ensino-aprendizagem da língua, tomando como pontos de investigação as proposições didáticas em materiais selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático e a exploração e a sistematização da proficiência das habilidades relacionadas à linguagem oral, assim como fazem com a leitura e a escrita; os resultados da experiência de planejamentos e materiais visando a atender questões práticas do ensino da Língua Inglesa na Educação Básica, protagonizada pelo subprojeto PIBID Letras/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campos Belos; os problemas concernentes à elaboração e codificação da norma padrão no Brasil, tendo em vista seu papel na consolidação da variedade nacional brasileira e, por conseguinte, no fortalecimento do discurso acerca do pluricentrismo do português; a futuridade no português brasileiro verificado na oralidade e a sua ocorrência em outra face da língua: a escrita; a literatura brasileira diaspórica e os hibridismos culturais e linguísticos.

Ainda no campo das trocas entre a Língua Portuguesa e a Literatura, são disponibilizados mais dois capítulos: um sobre a hibridização dos gêneros impulsionada pela modernidade, que propiciou aos autores uma nova estética dentro na criação literária, tendo como corpus de análise crônicas de Fabrício Carpinejar; e outro sobre o ensino da literatura à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. Voltando ao campo da Língua Portuguesa, o capítulo seguinte trata do ensino de Português – Língua Estrangeira (PLE), na República Popular da China (RPC), e a abertura para o ensino do Espanhol no referido país. Os temas dos capítulos que vêm na sequência são: a maneira como o livro didático aborda questões relacionadas ao gênero textual/discursivo e como orienta os docentes à prática do ensino fundamentado neles, uma vez que tal compreensão é importante para a

avaliação de como as teorias de gênero vêm sendo transpostas didaticamente para a realidade escolar do Ensino Fundamental; a fala e a escrita, a partir da análise de duas situações discursivas produzidas por um sujeito político, quais sejam: um texto escrito, lido no Plenário do Senado Federal, em dezembro de 2012, por um Senador da República, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e um texto oral, mais precisamente uma entrevista radiofônica concedida pelo sujeito, em agosto de 2013, a uma estação de rádio de uma cidade do interior de Pernambuco; a avaliação do livro didático *Terra Brasil*, utilizado como instrumento de transmissão da língua e cultura brasileira inserido no curso e estratégia metodológica do Centro de Cultura Brasileiro em Telavive, enquanto material didático e instrumento adotado como “ponte” para a formação de um imaginário coletivo condutor à realidade brasileira em termos culturais e linguísticos, relevante no contexto sociolinguístico particularmente heterogêneo de um país de imigração recente como Israel.

À continuação, surgem como temas dos capítulos: uma reflexão no contexto da genealogia da ética de Michel Foucault a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo, em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade; a escrita colaborativa *on-line*, intermediada pelo docente, e sua contribuição para a melhoria do processo de produção textual dos discentes, a partir de reflexões teóricas e de uma metodologia que propôs a produção textual do gênero crônica valendo-se do *Google Docs*, com uma turma de 1ª série do Curso Técnico de Agroindústria Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Norte de Minas de Gerais (IFNMG), *campus* Salinas; o discurso construído em um texto acerca da educação corporativa, entendida como pertencente ao pilar da Responsabilidade Social, que focou a situação enunciativa explicitada em uma produção textual veiculada no Relatório de Sustentabilidade 2014 de uma multinacional de capital aberto, a Marcopolo, a partir de três análises: a dos dados linguísticos, a dos argumentos e a das estratégias de comunicação empreendidas no texto selecionado para o estudo.

Os últimos capítulos da coletânea tratam: da educação bilíngue para surdos (a oportunidade de aprender a língua de sinais), bem como a compreensão dessa língua espaço-visual e o papel que ela exerce dentro da escola para o aluno surdo e nas relações entre professor-aluno, no momento das atividades pedagógicas; da elaboração de estratégias para a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros, como interação e cultura, no contexto nacional e local, considerando as perspectivas de aprendizagem dos alunos no Curso de Português para Estrangeiros, no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão; da realização linguístico-textual das operações da interpelação do outro e da referência ao outro (re)conhecidas como formas de tratamento, em função da noção de gêneros de texto, perspectivada pelo Interacionismo Sociodiscursivo; da importância do léxico na compreensão da linguagem matemática e a relação que, efetivamente, se estabelece entre a língua portuguesa e a linguagem matemática, uma vez que o não entendimento da primeira poder-se-á associar, de forma direta, ao desconhecimento do vocabulário utilizado

e à incompreensão da segunda; da didática da linguagem escrita dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tomando a alfabetização como processo discursivo e um processo de construção de sentidos – no qual se aprendem, pelo uso, as funções sociais da escrita, as características discursivas dos textos escritos, os gêneros utilizados para escrever e muitos outros conteúdos de diferentes áreas do conhecimento mediatizados pela interação, interlocução e interdiscursividade; dos critérios de identificação e análise de unidades fraseotermológicas da energia solar fotovoltaica.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópio mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópio.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LUGAR DA ORALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS RECOMENDADOS PELO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO	
Leandro Alves dos Santos Amélia Escotto do Amaral Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9311924071	
CAPÍTULO 2	15
GÊNEROS TEXTUAIS E LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÈSICA	
Beatriz Garcia da Silva Cristiane Rosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9311924072	
CAPÍTULO 3	25
O PROBLEMA DA NORMA <i>PADRÃO</i> NO BRASIL. UMA REFLEXÃO SOBRE PLURICENTRISMO, CONSTITUIÇÃO DE VARIEDADES NACIONAIS E CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICA	
Virginia Sita Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9311924073	
CAPÍTULO 4	38
O FUTURO PERIFRÁSTICO NA ESCRITA JORNALÍSTICA MANAUARA	
Jussara Maria Oliveira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.9311924074	
CAPÍTULO 5	52
A LITERATURA BRASILEIRA DIASPÓRICA E OS HIBRIDISMOS CULTURAIS E LINGUÍSTICOS	
Lucênia Oliveira de Alcântara Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9311924075	
CAPÍTULO 6	59
O CONFICIONAL NAS CRÔNICAS DE FABRÍCIO CARPINEJAR, UM ESCRITOR HÍBRIDO: SEU ITINERÁRIO DA PROSA À POESIA	
Carlos Henrique de Souza Larissa Cardoso Beltrão	
DOI 10.22533/at.ed.9311924076	
CAPÍTULO 7	71
TRANSDISCIPLINARIDADE, ENSINO E LITERATURA: IMPLICAÇÕES ÀS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS	
Rosemar Eurico Coenga Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.9311924077	
CAPÍTULO 8	83
O APOIO INSTITUCIONAL NO ENSINO DE PLE – UM ESTUDO COMPARATIVO	
Luís Filipe Pestana	
DOI 10.22533/at.ed.9311924078	

CAPÍTULO 9	96
CONCEPÇÕES DE GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Ericson José de Souza Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.9311924079	
CAPÍTULO 10	108
INTERFACE FALA-ESCRITA NO DISCURSO DE UM SUJEITO POLÍTICO	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Daniela Paula de Lima Nunes Malta Mário Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.93119240710	
CAPÍTULO 11	116
AVALIAÇÃO DO LIVRO TERRA BRASIL – CURSO DE LINGUA E CULTURA ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LINGUA ESTRANGEIRA	
Irith Gabriela Freudenheim-Levy	
DOI 10.22533/at.ed.93119240711	
CAPÍTULO 12	127
ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO DE SI	
Kleber Prado Filho	
DOI 10.22533/at.ed.93119240712	
CAPÍTULO 13	137
A ESCRITA COLABORATIVA <i>ON-LINE</i> : REFLEXÃO SOBRE UMA PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Ana Clara Gonçalves Alves de Meira	
DOI 10.22533/at.ed.93119240713	
CAPÍTULO 14	145
DISCURSO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA: ESTUDO DA SITUAÇÃO ENUNCIATIVA EM UM TEXTO DO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2014 DA MARCOPOLO S.A	
Marta Cardoso de Andrade Manoel Joaquim Fernandes de Barros Hélder Uzêda Castro	
DOI 10.22533/at.ed.93119240714	
CAPÍTULO 15	160
ESCREVER EM L2 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE UM ALUNO SURDO	
Claudia Regina Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.93119240715	
CAPÍTULO 16	172
TEACHING-LEARNING OF PORTUGUESE LANGUAGE AS INTERACTION AND CULTURE	
Edimara Sales Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.93119240716	

CAPÍTULO 17	182
DO [e3mu] AO EXCELENTÍSSIMO LEARNING AND TEACHING TITLES OF CIVILITY Isabel Maria Matos Ramos DOI 10.22533/at.ed.93119240717	
CAPÍTULO 18	196
DA COMPREENSÃO DAS PALAVRAS À APREENSÃO DOS CONCEITOS: UM CONTRIBUTO DA LÍNGUA MATERNA À LITERACIA MATEMÁTICA Carla Isabel Abrantes Silva DOI 10.22533/at.ed.93119240718	
CAPÍTULO 19	208
APRENDER E ENSINAR A ESCREVER: LIMITES E POSSIBILIDADES Ana Lúcia Nunes da Cunha Vilela Bruna Fernandes dos Santos DOI 10.22533/at.ed.93119240719	
CAPÍTULO 20	221
AS UNIDADES FRASEOTERMINOLÓGICAS DA ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA: CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE Manoel Messias Alves da Silva Cristina Aparecida Camargo DOI 10.22533/at.ed.93119240720	
SOBRE O ORGANIZADOR	233
ÍNDICE REMISSIVO	234

O CONFICCIONAL NAS CRÔNICAS DE FABRÍCIO CARPINEJAR, UM ESCRITOR HÍBRIDO: SEU ITINERÁRIO DA PROSA À POESIA

Carlos Henrique de Souza

Universidade Estadual de Goiás, Letras

Campos Belos - GO

Larissa Cardoso Beltrão

Universidade Estadual de Goiás, Letras

Campos Belos - GO

RESUMO: Este trabalho desenvolve-se a esteira do viés de que o campo literário foi constituído as margens da sociedade, e, portanto as obras literárias são em si, um reflexo das relações sociais. Por intermédio desse pressuposto, é objetivo deste estudo mostrar como a prosa e a poesia, dois gêneros que fomentam uma hibridização, oscilando entre si, constituem a prosa poética, forma esta que em muitos casos pode ser também transpassada pela lírica. Esse processo de hibridização dos gêneros foi impulsionado a partir do teor moderno, pois a modernidade propiciou aos autores uma nova estética dentro na criação literária. Para efeito de análise, utilizaremos as crônicas de Fabrício Carpinejar a fim de comprovar tais fatores, pois trata-se de um escritor contemporâneo, e mesmo que seus textos sejam escritos em prosa. Para subsidiar este trabalho, o mesmo encontra-se fundamentado em autores como Bordieu (2002), Candido (2000), Moisés (1970) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Crônica.

Carpinejar. Poesia. Prosa poética.

THE CONFICCIONAL IN CHRONICLES OF
FABRÍCIO CARPINEJAR, A HYBRID WRITER:
IT'S ITINERARY FROM PROSE TO POETRY

ABSTRACT: This work develops as one of the raw materials of the literary field that was constituted as a measure of society and, therefore, the literary works are a reflection of social relations. By means of this assumption, this study is presented as a prose and a poetry, two genres that foment a hybridization, oscillating among themselves, constituting a poetic prose, forming what is found in many cases can also be transgressed by the lyric. This process of hybridization of the genres was boosted from the modern tenor, since modernity gave the authors a new aesthetic in the literary creation. In order to make an analysis, we use the Fabricio Carpinejar chronicles in order to prove such factors, because he is a contemporary writer and even if your text is written in prose. To support this work, we will base on authors such as Bordieu (2002), Candido (2000), Moisés (1970) and others.

KEYWORDS: Literature. Chronic. Carpinejar. Poetry. Poetic Prose.

INTRODUÇÃO

Entre as várias contribuições de Fabrício Carpinejar para a literatura contemporânea, destacaremos aqui a sua capacidade de hibridizar o seu discurso, e principalmente a sua habilidade de evidenciar em seus textos, as várias funções da prosa poética pós-moderna. Para tanto, abordaremos duas obras deste escritor gaúcho: *Borracheiro: minha viagem pela casa (2011)* e segundo, *Canalha: retrato poético e divertido do homem contemporâneo (2013)*, nas quais ele retrata, de modo singular, o homem contemporâneo em seus aspectos mais banais do cotidiano. Revestidas pelo humor do cronista, estas obras, a partir de seus personagens, tornam-se uma representação poética da figura masculina na pós-modernidade.

Essas obras foram publicadas no começo desta década, e constroem um itinerário sobre o lugar do homem contemporâneo no mundo. São livros constituídos através de inúmeras crônicas. Verificaremos, portanto, que os escritos carpijeanos nascem da necessidade de um gênero que atenda ao momento presente, indo ao encontro de cada leitor.

Por conseguinte, verificamos que as transformações na produção literária deu-se em paralelo ao surgimento de um público leitor diversificado. Ademais, é preciso observar ainda que a dinâmica do mundo, em seu contexto pós-moderno, passou a exigir, do escritor, a narrativa de fatos de seu cotidiano imediato dentro de sua produção literária. Nesse sentido, destacamos ainda, o processo de aceleração dos tempos, provocado pelo advento da modernidade, que fez com o escritor procurasse um estilo rápido e dinâmico como o momento de seu leitor que agora, envolvido com suas muitas atividades não teria tanto tempo disponível para deleitar-se na leitura de romances e novelas, uma vez que são textos, relativamente, extensos.

DESENVOLVIMENTO

Dentro da produção literária de Fabrício Carpinejar, existe a tipificação de uma forma híbrida, analisada por Massaud Moisés (1990), e denominada prosa poética. Esta constituição prosaica do autor em questão, nasce dentro de um conjunto social, a partir do qual o escritor volta-se para os acontecimentos do cotidiano, transformando-os em literatura. Segundo Moisés (1990, p. 26) “a poesia identifica-se por ser a expressão do “eu” por meio da linguagem polivalente, ou seja, metafórica, enquanto a prosa se distingue por colocar a tônica na apreensão do “não-eu”, empregando o mesmo tipo de linguagem”.

Dessa maneira, a prosa poética é definida como texto literário, exatamente, por contrair dois gêneros, pois estas duas formas de expressão, constituem uma outra, que por sua vez, podem envolver em torno da construção comunicativa, revestindo outras construções literárias com este teor, ora poético, ora prosaico. Ainda em Moisés (1990), podemos afirmar que “o substantivo é representado pela prosa e a

expressão do “não-eu” (MOISÉS, 1990, p. 26), ao passo que a poesia funciona como um qualitativo. Estamos, pois, diante de um tipo específico de prosa, fruto da fusão entre poesia e prosa. Moisés (1990) confirma que a hibridização dos gêneros faz com que a tessitura do enredo seja perpassada por transfusão de lirismo.

Constatamos esses aspectos na obra *Canalha* de Carpinejar, no momento em que a sensibilidade aguçada do poeta surpreende o leitor, ainda que desatento, como podemos flagrar nas linhas poéticas da crônica *As tampinhas do leite*. Observemos:

Eu me vejo verdadeiramente acordado ao observar a dobra me aguardando. Sério. Espio antes de chegar. Fiquei dependente da tampinha. Amo a tampinha. É agradável dividir o espaço com ela. Não me dá trabalho. Sugere sede, fome, dependência. Por ela, sei que minha mulher está em casa, está comigo. É vizinha da linha dos lábios dela. É seu vício, sua senha. Cartolinha colorida de criança. É sua maneira de me animar, de dizer que vive comigo. É um código morse. Um aviso apaixonado. Ela deixa pistas discretas de si e vou recolhendo pelo resto da casa, para não encerrar a sedução. [...] (CARPINEJAR, 2013, p. 34-35).

O autor apresentar uma situação, que para um indivíduo comum, seria uma cena relativamente rotineira. Esta produção poética dentro da crônica é composta por certa ambiguidade, podendo oscilar entre um gênero e outro, em alguns momentos carregados pelo valor poético, em outros pela porosidade da prosa, faz com que o leitor confunda essa tipificação prosaica, em alguns casos não sabendo distingui-la exatamente, pois a crônica é um texto com esta característica, e às vezes em função de sua composição, pode assumir a forma poética.

Ao referirmo-nos aos textos de Carpinejar, ainda que escritos em prosa, pensamos em texto poético, prosa poética, e por conseguinte, uma prosa poética lírica. Uma vez que mesmo sendo crônicas, suas narrativas são carregadas de valor lírico. Aqui, é importante ressaltar, na esteira de Staiger (1997, p. 15) que uma das características da arte moderna é estar pautada, sobremaneira, na miscigenação dos gêneros, segundo o qual, podemos destacar a predominância de um determinado gênero sobre o outro – lírico, épico e dramático –, mas há, pois, uma intercomunicação entre os gêneros, como é possível observar no fragmento abaixo:

É um defeito, mas nada mais delicioso do que ouvir de uma mulher: “CANALHA!” Ser chamado de “canalha” por uma voz feminina é o domingo da língua portuguesa. O som reboa redondo. Os lábios da palavra são carnudos. Vontade de morder com os ouvidos. Aproximar-se da porta e apanhar a respiração do quarto pela fechadura. Canalha, definitivo como um estampido, como um tapa. Não ser chamado de canalha pela maldade, mas por mérito da malícia, como virtude da insinuação, pelo atrevimento sugestivo. Não o canalha, mas o ca-nalha, sem repetição. Único. (CARPINEJAR, 2013, p.17)

As crônicas carpijeanas são carregadas de características, tanto da prosa quanto da poesia mencionadas anteriormente. E, além disso, Fabrício Carpinejar traz dentro de sua produção literária uma outra característica que se torna marcante, é a sensibilidade apresentada no desfecho de suas crônicas, na maioria das vezes, poéticos, fazendo com que o leitor presencie em seus textos, uma conclusão transpassada pela poesia. Vejamos:

(...) Terei que ser mais do que uma frase bonita e um par de mãos para esconder sua fragilidade. Terei que ser verdadeiro. Eu não consegui inventá-la, você desobedeceu o autor e sumiu com o final do livro. Eu não consegui inventá-la, podia apenas descobri-la. Será que depois de morto ainda enfrentarei pesadelos? *Até que a morte nos separe é muito pouco para mim. Preciso de você por mais de uma vida.* (CARPINEJAR, 2013, p.37. grifos nossos)

Notamos que o desenlace da crônica acima é tomado pela poesia e, conseqüentemente, como acontece em grande parte de suas crônicas, e em vários outros textos deste mesmo caráter, pelo lirismo, que fazem parte do final de seus escritos, vide grifo. São duas características complementares, de modo que uma faz parte da outra, de modo que a lírica reveste a poesia ou vice-versa.

Assim, o poeta, nessa perspectiva, reflete dentro da literatura um espaço de insubordinação. O poeta/escritor está em seu tempo e recria de forma poética os valores de seu momento, mas não está exatamente comprometido com uma verdade unívoca. Em relação a esse espaço da poesia, e da literatura, na perspectiva contemporânea, Antônio Carlos Secchin afirma que:

[a] poesia [e a literatura] não se compromete [m] com a verdade, pois um de seus atributos é exatamente o de provocar um circuito clandestino de sentido que faça oscilar o terreno do sólido onde versões de verdade se sedimentaram. (SECCHIN, 1996, p. 18)

É interessante ressaltar que Carpinejar transforma aquilo que seria apenas uma situação corriqueira em texto de grande valor literário, e segundo Cleide da Costa e Silva Papes (2008, p. 17) para “analisar o cotidiano é necessário estender o olhar sobre a vida diária”, alcançando os homens pelos vários níveis sociais. Essa característica torna o autor único no espaço poético, pois suas crônicas são escritas, de certo modo, de maneira natural, visto que são produzidas a partir da mesmice do cotidiano, e então surge uma literatura com a qual o leitor identifica-se ora, pois, é ele a matéria-prima utilizada pelo escritor.

Para fomentar a oscilação entre os gêneros, caráter típico do poeta gaúcho, o autor explora o que é corriqueiro na vida de seu leitor. E assim constrói a escrita prosaica, a qual tem chamado a atenção nos últimos anos, pois formula-se como um gênero distinto dos demais, por sua capacidade de hibridização. Este aspecto faz com que, principalmente os escritores contemporâneos, atente-se a tal forma, pois a necessidade de escrita, é também, uma precisão em busca da representação do real, do momento presente.

Entretanto, a poesia torna-se revestida pela prosa em um tempo único, possibilitando em um gênero como a crônica, oscilar entre um ou outro. Ao analisar o contemporâneo, é necessário perceber que o mesmo representa as situações mais banais, vivenciadas por todos, e assim, de maneira universal, entra em contrapartida o mundo do escritor, mas principalmente, o do leitor.

Mesmo com a ideia de que o gênero tem estrutura fixa e acabada, a literatura, e principalmente as necessidades de escrita, ao passar do tempo prova o contrário,

isso é evidenciado e comprovado nos textos aqui abordados, pois ao oscilar entre dois gêneros, poesia e prosa, o escritor proporciona um entrelaçamento, o qual consiste em outra estética, agora prosaica. Nos textos analisados é nítido os elementos de um gênero, ora de outro, e assim vibram diversas características das duas formas. Observemos:

Já levei muito fora, dei muita mancada, pisei na bola. O que mais me dificultava nos relacionamentos adolescentes era a facilidade tremenda em conquistar a mãe da mulher com quem desejava ficar. Conquistava a sogra, não sua filha. Surgia como o par ideal da família, nunca de quem gostava. Representava o tipo cordial, educado e romântico, que não falaria palavrão em público, nem chamaria todo mundo de “cara”, independente do sexo. Ou seja, o tipo mais inofensivo que existe, forjado à paz e inadequação para a guerra. Isso somente aumentava a minha rejeição. (CARPINEJAR, 2013, p. 112)

Dentro da perspectiva da prosa revestida pela poesia, Carpinejar cria, dentro de sua crônica, uma situação comum, a qual representa os indivíduos contemporâneos, e retrata o fim do relacionamento de um casal, mas neste caso, o autor em questão, compõe uma escrita traçada de maneira natural e rítmica, pois utiliza atributos vindos da poesia, como a musicalidade, por exemplo, reservada a dar ritmo ao texto e é característica fundamental na constituição destes escritos.

Outro fator que nota-se na prosa poética de Carpinejar é a utilização de períodos curtos, prática esta que constitui a maioria de seus textos, e que possibilita, mais uma vez, o entrelaçamento entre um gênero e outro, uma vez que a dinâmica de sua escrita, ainda que prosaica, se aproxima do texto poético, marcado pela simetria dos versos.

Sob esse viés da hibridização dos gêneros, os textos carpijeanos são produzidos diante de outra perspectiva, e destroem a concepção da rigidez dos gêneros dentro do campo literário de que estes eram formas aparentemente prontas e acabadas.

Além disso, nestas duas obras utilizadas, verificamos tentativas de representação da figura masculina dentro do corpus social, tem-se então um Carpinejar Borracheiro e um Carpinejar Canalha, são dois aspectos do lugar do homem no contemporâneo, duas figuras aparentemente distintas, mas que refletem as distinções sociais feitas em relação ao sexo masculino, permeados por anseios coletivos visam refletir sobre o lugar do homem, nas esferas sociais.

Nesse contexto, Pierre Bourdieu (2002) define estes aspectos que permeiam a discussão acerca dos gêneros masculino e feminino, como uma “divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem ou mulher” (BOURDIEU, 2002, p. 23). Desta forma, as atribuições legadas a cada um dos gêneros são constituídas a partir de conceitos preexistentes na sociedade, questões que envolvem os sexos são base para amplos debates, pois fomentam discussões, principalmente no papel desempenhado por cada um.

É nítido que o homem tem seu lugar definido na sociedade moderna, suas atividades exercidas são antes traçadas pelos fatores que rodeiam a discussão dos

sexos, é a partir de então que o homem constrói sua dominação, e portanto, as concepções em relação ao domínio masculino, são conceitos criados anteriormente e assim esta percepção “legítima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2002, p. 32), constitui-se então algo normal, formado com naturalidade ao decorrer dos tempos.

Trata-se aqui de outro posicionamento do homem, pois sua preocupação agora é com outros horizontes, visa mudanças, e inaugura perspectivas, deste modo pode-se afirmar juntamente com Papes (2008) que:

Não se trata do homem passivo, espectador, contemplativo, contentando-se com a padronização de uma realidade simulada [e também estabelecida] com os bens culturais impostos. Falamos do homem de ação, daquele que reage e transforma, daquele que traça sua própria história. No fazer do dia-a-dia, esse herói realiza a sua invenção sobre um mundo que vem se petrificando em todos os aspectos (...). (PAPES, 2008, p. 24)

O homem moderno busca reverter os papéis e funções sociais impostas anteriormente, não é mais a figura da aceitação passiva, mas transfigura e/ou reescreve seu cotidiano pois, os padrões que eram aceitos, agora são revestidos pela necessidade de cada ser, uma vez que os valores são coletivos, mas neste caso, entra em cena os anseios individuais de cada um. Faz-se necessário destacamos aqui a tríade estabelecida por Candido, pois a partir do momento em que a literatura é considerada como arte, é então:

[...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela [a literatura] pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (CANDIDO, 2000, p. 38)

Perceberemos então que, segundo Cândido a literatura é um jogo, onde tem o artista, a obra e o público, este último é responsável por dá sentido à obra, e sem este o autor não se concretiza, dessa forma este acaba se tornando um elo entre o autor e sua obra, portanto, os textos de Carpinejar constituem uma representação de tal ligação, pois suas obras ganham sentido, nas mãos de seus leitores, pois estes são indiscutivelmente o material do qual é construída sua matéria literária.

Assim, Carpinejar constrói a representação do indivíduo masculino contemporâneo, com seus defeitos, hábitos, qualidades entre outros aspectos, enfim a normalidade gerada a partir da sua vivência habitual, porém sua criação literária é inteiramente relacionada à vida diária, pois Otávio Paz afirma que é “especialmente pela Literatura, que é um ato criador por meio da palavra, será possível repassar toda e qualquer vivência com certa distância da realidade para encontrar uma forma de reinventá-la” (PAZ, 1972, p. 23). Surge então a função da poesia moderna, pois a mesma:

[...] coloca o homem fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu *ser*

original: volta-o para si. O homem é uma imagem: ele mesmo e aquele *outro*. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem é. A poesia é entrar no ser. (PAZ, 1972, 50, grifos do autor).

Percebe-se então que a arte poética tem uma responsabilidade social perante a sociedade, pois faz com que indivíduo reconheça a si próprio, na sociedade fragmentada em que está inserido.

Na oscilação entre *Carpinejar Borracheiro* e *Carpinejar Canalha*, o leitor é levado a imaginar a construção da figura masculina, ora em um momento, ora em outro. Primeiro um borracheiro já insatisfeito com a atmosfera permissiva e, em seguida, um canalha vislumbrado com a modernidade. E assim, enquanto cronista, o autor em questão, promove, através de seus textos, a firmação deste gênero literário, tornando-o um texto com aspectos que refletem o cotidiano de seu leitor.

Por conseguinte, a crônica proporciona ao público a possibilidade de se reconhecer em cada linha de seus textos. E ir mais longe que isso, transcreve na literatura, de certa forma, o universal, o caráter do indivíduo moderno. Sua produção literária nada mais é do que a representação de um mundo instaurado na modernidade e todos os seus conflitos. No trecho transcrito abaixo, retirado da obra *Canalha*, não obstante, observamos o comportamento do indivíduo moderno, diante de aflições que acometem ao homem pós-moderno. Vejamos:

Não participo de reunião de condomínio. Falta apetite para discutir rachaduras na caixa d'água, criticar os cachorros dos vizinhos, elaborar planos de emergência e aprovar orçamentos. São duas horas de fofoca para dez minutos de decisão. O único grupo que frequento no mês é a cafajestada, encontros com amigos canalhas. Explicando, tenho três amigos canalhas legítimos e dois falsos. O legítimo: aquele que faz para contar. O falso: o que conta para um dia fazer! (CARPINEJAR, 2013, p. 51).

É evidente que a sociedade contemporânea é perpassada por outras preocupações, na verdade, todo o seu tempo livre, busca preenche-lo com outras atividades, que não sejam permeadas por compromissos, ou algo do gênero. Não compromete-se com as responsabilidades de casa, busca justificar que é apenas compromisso feminino, da esposa, e não do marido. Esse comportamento é advindo das exigências sociais, onde a figura masculina é constituída no discurso como um ser desprovido de compromissos no lar e peça fundamental na composição do *Carpinejar Canalha*. Já em seu livro *Borracheiro*, perceberemos um outro tipo de comportamento masculino:

Eu me dei conta de que tudo é exercício para estar acompanhado. Arrumar a cama, por exemplo. Há gente que coloca o cobertor fincado internamente nas bordas do colchão, revelando índole possessiva e ciumenta. Há gente que deixa o cobertor solto, mostrando índole possessiva e ciumenta. Há gente que deixa o cobertor solto, mostrando desapego e sociabilidade. Há gente que nem ajeita, denunciando solidão e independência. Vejo um temperamento nas banalidades. Eu dobro o lençol como aba de envelope sobre o cobertor. Minha avó me alertou: "Cobertor é masculino, lençol é feminino". Faz sentido: ambos estão casados, esperando nosso olhar (o que explicar que a cama se encontra curiosamente aquecida algumas vezes. (CARPINEJAR, 2011, p. 51)

Se tal cena, em alguns casos, no que refere ao nosso tempo, não fosse tão perplexa, acreditaríamos que o homem pós-moderno, seria um indivíduo com as atenções voltadas para o lar. Após apresentar ao leitor uma cena normal, que colabora com as atividades desenvolvidas pelo sexo feminino, o autor complementa:

Arrumo os travesseiros com delícia porque é um ânimo a mais para namorar. Caminho de um lado para o outro, concentrado. Trocar a roupa de cama é sempre reinaugurar o quarto. Transformo a disposição do tecido num bilhete de amor. Desde a minha infância. Sou uma palavra dentro, bordada. (CARPINEJAR, 2011, p. 158)

Este *Carpinejar Borracheiro* é utilizado para recriar o ambiente doméstico, passando as atividades elaboradas pela mulher, agora para o homem. E com a descrição precisa desta atmosfera, o autor amplia o aspecto literário da obra, e induz o público a acreditar que o próprio autor participou da cena que está sendo descrita, haja vista que utiliza elementos precisos, possibilitando a recriação do universo retratado na crônica.

A precisão na narrativa, leva o autor ao encontro direto com o seu leitor, pois ambos são reconhecidos nos aspectos ali relatados. E após apresentar a situação, que de certa forma, pode ser considerada ilusória ao ser desenvolvida pelo homem, podemos também perceber, além disso, que durante o desfecho do discurso temos presente um novo homem, o do lar, definido pelo próprio autor como:

[...] o novo homem do lar, que não tem vergonha de sua sensibilidade, que cuida dos filhos e pensa no jantar, que é romântico e adora lojas, que desculpa com o riso e se orgulha da própria carência. Diante de sua mulher, não resiste e pergunta, a todo momento, o que ela está pensando e o que está fazendo. A maior viagem pode ser pela casa. (CARPINEJAR, 2011)

Ao contrário do *Carpinejar Canalha*, o *Borracheiro* preocupa-se com as atividades domésticas, visa deixar sua companheira feliz. Como o próprio autor ratifica, “a sua maior viagem pode ser pela casa”, e não em tentar suprir seu tempo livre com outras companhias.

Esta perspectiva do homem moderno traz consigo algo novo, um indivíduo preocupado com as atividades relacionadas ao lar. Visa não só a si próprio, mas também com quem vive e isso é evidenciado na crônica acima, e é totalmente fragmentado na sociedade contemporânea, pois o tempo, e em muitos casos o individualismo, não proporciona que as atividades de casa sejam realizadas somente pelo homem.

O discurso produzido pelo autor dentro de suas crônicas poéticas nos conduz a outra perspectiva, levando a crer que é uma atividade normal, e o que mais chama a atenção é que, essas mesmas tarefas são realizadas pelo gênero masculino. Esta possibilidade vivenciada pelo homem corresponde a casos raros, mesmo que o autor produza um discurso que nos transporta a acreditar em um novo conceito de posicionamento do sexo masculino contemporâneo no século XXI.

E ao mesmo tempo em que retrata o homem Borracheiro, o autor desenha a

perspectiva do Carpinejar Canalha, algo que gera um universo totalmente diferente daquele criado no livro anterior, fazendo com que o leitor perceba a diversidade de sua escrita em seu texto:

O amor é sacana. Ninguém está imune. Ninguém confere certidão de casamento, de nascimento ou de óbito para se envolver. Vai virar o rosto para os compromissos. Não queremos nos apaixonar e nos apaixonamos. O cara não presta e seguimos em frente. Vimos que ela é interesseira e fechamos os ouvidos. Contrariamos as crenças porque o amor é sacana. O amor abre até as portas deitadas. (CARPINEJAR, 2013, p. 40)

Além dos textos extremamente poéticos, Carpinejar faz uma transfiguração da perspectiva masculina, transparecida pelo humor, a crônica reflete aspectos banais dos indivíduos modernos. O homem é um ser que está exposto aos sentimentos que existem nas relações humanas, mesmo quando tenta interceptá-las. No trecho acima retirado da crônica *O canalha arrependido* é apresentado um posicionamento masculino, e diante disso o escritor complementa:

O canalha (...) ambiciona ser viúvo de seus vícios. Espera receber alta, pode não conseguir, pode tentar e fracassar. Dorme pouco para não perder a chegada da paz de manhã. Espera uma paixão redentora para reaver a adolescência. Anseia superar as indiferenças que o impele a dispensar as mulheres e abreviar os relacionamentos. Aguarda ter novamente a insegurança das palavras, o risco de ser magoado e magoar. O canalha está cansado de sua reputação, do esforço para manter a fama, da rotina de não se importar. É difícil, duro de suportar, mas o maior amor, o amor mais leal e puro, pode vir de um canalha arrependido. (CARPINEJAR, 2013, p. 41)

Neste trecho, da obra *Canalha*, é nítido o posicionamento do homem, onde o próprio nome já define as características das crônicas que compõem este livro. Acima vê-se um homem canalha que não está preocupado com os sentimentos amorosos, principalmente no que refere-se a outra pessoa. É um homem cansado de sua rotina, busca outro patamar, e posteriormente outra perspectiva, e por fim caracteriza o amor mais sincero, é o que é vindo de um canalha arrependido.

Constatamos, pois, que Carpinejar propicia ao leitor um ambiente revestido por um novo signo, o da modernidade, são aspectos da vida, agora abordados durante a sua produção literária. E assim, o público presencia inúmeros fatos de seu próprio cotidiano no literato, pois são características e comportamentos dos indivíduos que foram modificados em virtude do caos social em que estão inseridos, e então, as obras são necessariamente o retrato literário do social remente aos aspectos do momento vivente.

Os textos produzidos por Carpinejar representam também marcas de sua própria vivência, e assim, Cyntrão afirma que a poesia, neste caso a crônica, “funciona como vetor estético da representação do contemporâneo, (...) [assim] o texto poético é um produto cultural que trabalha com a *transfiguração* do real” (CYNTRÃO, 2009, p. 47, grifos do autor). É visível então que, além de poéticos, também são revestidos com um teor autobiográfico, nos quais o escritor reflete em sua prosa poética, experiências

de vida particulares.

Nessa perspectiva, ocorre uma fusão entre o imaginário e o real, construindo suas produções prosaicas com marcas do caráter ficcional, assim, contido por este estilo o autor amplia suas experiências, e também seu discurso, composto pelo escritor, que são representações literárias de sua própria vida, deste modo Costa Lima afirma que o discurso:

[...] ficcional, (...) implica uma dissipação tanto de uma legislação generalizada, (ele não reflete uma verdade de ordem geral) “quanto da expressão do eu” (não reflete tampouco os valores do escritor). “Nele, o eu se torna móvel, ou seja, sem se fixar em um ponto, assume diversas nucleações, sem dúvida, contudo, possibilitadas pelo ponto que o autor empírico ocupa. É a essa movência do ficcional - que, simultaneamente, implica a dissipação do eu e afirma os limites da refração de seus próprios valores -que temos chamado de ângulo de refração. Assim, tal dissipação do eu não o torna inexistente, como se escrever ficção fosse anular seus próprios valores, normas de conduta e sentimentos. A imaginação permite ao eu irrealizar-se enquanto sujeito, para que se realize em uma proposta de sentido (...) *Pela ficção, o poeta se inventa possibilidades, sabendo-se não confundido com nenhuma delas; possibilidades contudo que não inventariam sem uma motivação biográfica.* (LIMA, 1984, grifos nossos).

Portanto, as marcas localizadas no discurso do autor apontam e enfatizam uma espécie de experiência própria, nada mais são do que a junção de relatos do “eu” enquanto autor, que afloram no momento da produção literária. Podemos então constatar que as obras em questão são revestidas por tal característica, o estilo ficcional, fazem com que o leitor também sinta-se dentro desta mesma perspectiva, pois em alguns casos são momentos díspares, mas de certa forma, universais, deste modo propicia ao público um momento em que possa se identificar com os escritos do poeta, pois este fez não o circunstancial, mas o universal.

No trecho abaixo iremos perceber uma preocupação com o relato ficcional, que em muitos casos confunde-se com a autobiografia:

Há homens que se imaginam com mechas loiras entre as mãos. Cabelos morenos, lisos, brilhantes. Cabelos cacheados, perfumados. Cabelos ruivos, intensos. Cabelos coloridos, disfarçados. Cabelos encharcados de vigor. Cabelos para dizer o quanto são jovens, o quanto são viris, o quanto são sedutores. Eu me pressinto com um coque grisalho entre as mãos (...). Não é nenhuma perversão. Enxergo-me desde agora segurando os cabelos brancos de minha mulher. Envelhecido com ela, sem mentir a natureza de minhas sobrancelhas e esconder a fragilidade de meus braços (...). Não desejo a juventude de uma mulher, desejo sua permanência. O que a faz recente não é o quanto ela se preservou, mas o quanto ela se entregou. (CARPINEJAR, 2011, p. 73-74).

A obra ficcional é um retrato da vida, fazendo parte da verdade tanto de seus criadores quanto de seus leitores. Neste trecho o autor transpassa realizações pessoais, uma visão de futuro, um desejo particular. Porém sua escrita possibilita o relato de algo mais simples, em um gênero tal como a crônica, mas que possa fazer com que o texto seja revestido por sentimentalismo, e que em muitos casos vai ao encontro de seu público, este que pode também está no mesmo momento, o qual o autor retrata. Além disso, como o próprio autor enfatiza, os seus textos são marcados

pelo estilo conficcional, que seria resultante da junção entre os aspectos citados anteriormente, uma categoria híbrida, fruto da mistura de seu tom confessional com temas, supostamente, ficcionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Carpinejar chamam a atenção necessariamente para a representação do homem contemporâneo na prosa-poética, que segundo os aspectos que permeiam o posicionamento do gênero masculino na sociedade são extremamente explorados na modernidade, e, por conseguinte abrem espaço para a reflexão, a fim de que percebamos a importância dada ao homem no âmbito literário, e também o seu posicionamento social, pois o autor aqui abordado foi fiel ao relato da figura masculina na modernidade, retratando de forma objetiva, também com textos de caráter poético e prosaico, e pelo subjetivismo, transcrito pelo valor lírico.

Diante do exposto, acreditamos, pois, que na perspectiva contemporânea a literatura de Fabrício Carpinejar traz, em suas entranhas, um inegável poder de representação. Diante sentimento de caos e crise, que abarca o mundo pós-moderno, o homem mostra-se dividido entre o “ser” e o “ter”. E é nesse contexto que Carpinejar recria sua cadeia de relações em um universo ímpar. O escritor transcende as barreiras, consideradas convencionais, e faz de suas obras um espelho capaz de refletir o leitor com seus dilemas e embates mais íntimos, mostrando, que, a literatura é o espaço, ainda que simbólico, de resgate e superação, e que, por conseguinte concretiza a relação existente entre literatura e sociedade.

A hibridização foi comprovada aqui, pois as crônicas do autor em questão chegam ao terreno da lírica, e também da poesia, com sua escrita em prosa, transpassa pelo campo dos outros gêneros. Ao referirmos as crônicas de Fabrício Carpinejar, mesmo que escritas em prosa, verificamos os vestígios de outros gêneros, como a poesia lírica, dessa maneira os textos carpijeanos são traspassados por valores de outras formas. Portanto, a prosa carpijeana, também poética, conduz o leitor a ver o seu próprio cotidiano, pois é ele a matéria primordial de sua criação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARPINEJAR, Fabrício. **Borracheiro**: minha viagem pela casa. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

_____. **Canalha**: retrato poético e divertido do homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

CYNTRÃO, Sylvia H. (org.) **Poesia**: o lugar do contemporâneo. Brasília: Departamento de Teoria literária e Literaturas/UnB, 2009.

LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros: In _____. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. v. 1.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1990.

PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A Vivência e a Invenção na Palavra Literária**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAZ, Otávio. **Signos de Rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ROSENFELD, Anatol et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia e desordem. In: _____. **Poesia e desordem**: escritos sobre poesia e alguma prosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alemão 52, 53, 54, 55

C

Carpinejar 6, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69

Complexidade 71

Concepções de gêneros 96

Crônica 59

D

Dicionário terminológico 221, 231

E

Educação bilíngue 160

Energias renováveis 221, 222, 232

Ensino 7, 9, 3, 6, 7, 15, 16, 19, 23, 24, 83, 87, 93, 94, 96, 137, 144, 165, 168, 183, 194, 206, 207, 208, 233

Escrita 11, 14, 108, 137, 142

Escrita Colaborativa 137

F

Fala 11, 108, 111

G

Gêneros textuais 15, 23, 107, 144, 181

H

Habilidades linguísticas 1

L

Letramento crítico 15, 23

Língua de Sinais 160, 162, 163, 166, 168, 169, 170, 171

Língua Inglesa 15, 53

Literatura 6, 9, 51, 52, 55, 59, 64, 69, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 81, 89, 194, 233

Livro didático 96

O

Oralidade 183

P

Perífrase 47, 48

Poesia 59, 70

Português 6, 7, 37, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 83, 87, 88, 90, 92, 94, 95, 107, 138, 166, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 189, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 222, 232, 233

Produção de texto 96, 160

Prosa poética 59

S

Sujeito Político 108

T

Transdisciplinaridade 71

U

Unidades fraseotermológicas 221

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-493-1

